

IGREJA EM GOIÂNIA
CAMINHOS PASTORAIS

DOM WASHINGTON CRUZ
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

IGREJA EM GOIÂNIA
CAMINHOS PASTORAIS

Goiânia, GO
2004

Caríssimos irmãos e irmãs,

1. O Livro dos Atos dos Apóstolos, que a liturgia nos faz meditar no tempo pascal, mostra-nos a experiência profunda de encontro dos primeiros discípulos com o Senhor Ressuscitado. E todos esses encontros terminam com um claro chamado à evangelização.

“Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio” (Jo 20,21). Os Apóstolos farão do anúncio de Jesus Cristo a única razão de sua existência.

Do encontro e da experiência do Ressuscitado surge o anúncio; não se pode calar o que se viu e ouviu:

“O que vimos e ouvimos v^o-lo anunciamos” (1Jo 1,3a).

Quando se vive a experiência alegre da salvação que Deus realizou em Jesus Cristo, surge a urgência de evangelizar.

Testemunhas e Apóstolos de Jesus Cristo

2. A nova Evangelização, a que a Igreja nos convida, impel-nos a uma tarefa urgente: despertar a vocação missionária e o potencial evangelizador de todos os batizados. Gerar uma espiritualidade da missão. Ajudar todos os batizados a compreender vivencialmente que, pelo fato de ser cristão, se participa da condição de enviado própria de Jesus Cristo. Como cristãos, somos enviados apóstolos e evangelizadores.

Viver esta espiritualidade da missão exige a escuta a Jesus Cristo que nos chama a anunciá-lo. Daí a necessidade da oração intensa, do encontro no silêncio e no amor com o Senhor. De uma vivência sacramental, especialmente nos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, que nos leve a uma maior intimidade de vida com Jesus Cristo.

Evangelizadores na grande cidade somos chamados a ser, sobretudo, testemunhas da misericórdia e da ternura de Deus; homens e mulheres que demonstram com a vida e a palavra que “viram o Senhor” (Jo 20,18). Neste sentido, o tempo litúrgico da Quaresma e da Semana Santa, com seus intensos momentos de oração e reflexão, nos dão uma grande ajuda.

Nosso Testemunho Próprio de Evangelização

No dia de hoje, solenidade da Ressurreição do Senhor, desejo partilhar convosco duas grandes dimensões que julgo significativas ao nosso testemunho de evangelização:

(1^o) A evangelização enquanto vocação e missão da Igreja em Goiânia e; (2^o) o contexto atual da evangelização, com seus respectivos desafios e implicações pastorais.

I. EVANGELIZAR: VOCAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA EM GOIÂNIA

3. Jesus Cristo – ao ser enviado pelo Pai, ao anunciar o Reino, ao fazer de sua vida uma entrega radical –, fez-se o primeiro evangelizador. N’Ele, na totalidade de sua pessoa, se proclama a Boa-Notícia e dela nasce a Igreja. Por

isso, como nos ensina a *Evangelii Nuntiandi*, “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (nº 14). Enraizada nessa vocação originária, também a Igreja em nossa Arquidiocese tem sua fonte na ação evangelizadora de Jesus e dos Doze. Ela é agraciada pelo Senhor e d’Ele, por primeiro, recebeu o dom e o chamado para ser sacramento de comunhão.

A Comunhão: fonte, sinal e testemunho

4. Na comunhão se expressa, desde sempre, a vida íntima da Trindade. Pela comunhão o Pai é expressão dialogal na criação, o Filho se revela na encarnação, o Espírito se manifesta na ação.

É em vista da comunhão que Jesus Cristo – com gestos e palavras – evangeliza, suscitando encontros pessoais e comunitários (EAM, 9). Por isso, a missão tem referência primeira na comunhão e todo seu empenho deve a ela convergir. Este sentido teológico da evangelização nos remete, como Igreja Particular, a ir além, sem evidentemente prescindir dos objetivos, diretrizes e atividades pastorais. Faz-nos experimentar, como Povo constituído por Deus, a graça do chamado à evangelização.

5. *A Igreja em Goiânia*, bem como as demais Igrejas Particulares, em comunhão com seu bispo e com o ministério petrino, *tem na evangelização sua vocação e missão*. Em sintonia com a renovação de toda a Igreja pós-conciliar, vem crescendo entre nós a consciência e o testemunho de comunhão e participação de todo o Povo de Deus. Nossa Arquidiocese está inserida na realidade sociocul-

tural do Centro-Oeste, a serviço do Reino. À luz da Palavra e da Tradição, deve buscar permanecer atenta aos “sinais dos tempos” e às interpelações atuais. A nossa Igreja é una, santa, católica e apostólica.

Participação e Co-Responsabilidade na Missão

6. Em testemunho de comunhão, a história vocacional e evangelizadora da Igreja em Goiânia tem na participação uma das mais ricas expressões de sua face. Entre as várias formas participativas, particular destaque mereceram e merecem as assembleias arquidiocesanas, promovidas desde 1977. Nelas, pelo processo metodológico e pelo empenho eclesial, aprofundou-se a co-responsabilidade missionária e descortinaram-se novas luzes e horizontes.
7. Acentuam-se, *na evangelização da Igreja Particular de Goiânia, a perspectiva de serviço*, na construção de uma sociedade ética e solidária; *a perspectiva de diálogo*, o que tem exigido a defesa das várias culturas, a inculturação e o ecumenismo; *a perspectiva do anúncio*, explicitamente proclamado, “do nome, da doutrina, da vida, das promessas, do reino, do mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus” (EN 22), bem como do amor eterno e comunitário da Trindade Santa; *a perspectiva do testemunho*, em conversão permanente, na intenção e na ação.

Como Igreja a serviço do Reino, nossa Igreja Arquidiocesana também é ministerial, sob a tríplice responsabilidade (ou o múnus) de exercer o ministério da Palavra, da liturgia e da caridade (DIRETRIZES Gerais..., 20-43)

II. O CONTEXTO ATUAL DA EVANGELIZAÇÃO DA IGREJA EM GOIÂNIA

8. A Igreja em Goiânia deve ser fiel à sua vocação e missão. Deve ser fiel à sua história, construída com generosidade e doação. Deve, também, com a mesma intensidade e solícitude, perscrutar os novos desafios que a realidade nos apresenta, em Goiânia, em Goiás, no Brasil, no mundo. A realidade está mudando com uma velocidade bem maior que em outras décadas. Isso requer de nós, comunidade evangelizadora, um testemunho de comunhão denso em qualidade.

“Será, pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a (nossa) Igreja há de, antes de tudo, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra testemunho de santidade” (EN,41)

Para isto, em diálogo cada vez mais intenso, devemos, como irmãos, ajudar-nos – e ajudar solidariamente a todos –, para compreender os novos contextos que nos abrangem e nos perpassam. Convido-vos para, juntos, considerarmos alguns aspectos desafiantes da realidade e a refletir sobre suas respectivas implicações pastorais.

O Contexto Sociocultural da Grande Cidade

9. Sob a ótica sociocultural, enfrentamos *em Goiânia os desafios da grande cidade pós-moderna*. Embora não seja comparável a outras regiões e metrópoles do Brasil, a cidade de Goiânia é a primeira capital desta região (depois,

vieram Brasília e Palmas). Com apenas 70 anos de história, enfrenta todos os problemas, contingências e valores de toda grande cidade. Nossa Igreja Arquidiocesana, quando criada, pensava-se e inseria-se em uma realidade agrária. Nas duas últimas décadas, mudanças rápidas introduziram um novo jeito urbano de viver, imposto também às pequenas e médias cidades. A vida urbana está, portanto, nos desafiando a repensar estruturas, ministérios e níveis da evangelização. Lembro, aqui, as propostas apresentadas pela CNBB à Conferência de Santo Domingo (Doc. 48, nº 1-12), como indicações para a evangelização na cidade: inculturação urbana do evangelho, do pensamento e da práxis da Igreja; redimensionamento da organização da Igreja na cidade; ser comunidade de fé, de cultura e de serviço na caridade participativa; formar agentes para a cidade; evangelizar para a solidariedade urbana; acompanhar pastoralmente a migração campo-cidade; marcar presença pastoral nos centros de decisão e nos grupos de influência e de vivência.

Exigências da Pastoral na Cidade

10. Inseridos na realidade urbana, nossa presença evangelizadora deve considerar *o pluralismo* que marca a vida urbana, requerendo de nós permanente postura de diálogo. Temos de ser incisivamente pessoas abertas ao diálogo, sem relativizar valores nem perder nossa identidade católica, enraizada comunitariamente em nossa Igreja Particular. Motivemos, formemos e reforçemos as comunidades, visando também a superar a fragmentação e a dispersão da vida familiar e comunitária; *a missionariedade*, pensando e agindo para além

dos 20% dos batizados que participam nas celebrações das comunidades. Urge programar uma evangelização para todos, sem nos fecharmos ao exclusivismo de minorias. Essa foi uma tentação de algumas comunidades cristãs de judeus, nas origens da Igreja. Mais tarde, quando se abriram aos demais povos, cresceram em vitalidade.

Somos poucos, pobres e pequenos, mas temos do nosso lado o Onipotente.

Precisamos de um novo ardor vocacional que encoraje os jovens a seguir Cristo, quando possuidores de um chamado de especial consagração. Neste sentido, iremos lançar, dia 02 de maio/2004, Domingo do Bom Pastor, um serviço de animação vocacional bem articulado e entusiasta pelo ministério presbiteral e diaconal, bem como a Obra das Vocações Sacerdotais (OVS). Teremos de cuidar da nossa formação permanente e da formação dos nossos jovens seminaristas, a começar pelos grupos vocacionais, pelo propedêutico até chegar à filosofia e à teologia. *Isto sem minimamente nos despreocuparmos das novas vocações e ministérios*, suscitados pelo Espírito para novos serviços, a fim de responder com responsabilidade e criatividade aos novos desafios. Tais ministérios, quando bem articulados, formados e orientados na Igreja Arquidiocesana, podem significar nova expressão inculturada da evangelização; *haveremos de dar maior importância aos meios da comunicação*, considerados pelo Santo Padre como “areópagos dos tempos modernos” (RMi, 37). “A comunicação é prioridade para a evangelização” (Doc. 48/CNBB, nº 18). Na comunicação pelos grandes Meios pode se estabelecer um eficaz diálogo entre comunidades e “massa” social. É preciso, entretanto, que essa presença nos MCS sempre seja criteriosa, remeta ao Evangelho e se expresse como sinal vivo de solidarieda-

de humana; *Teremos de estar atentos aos diversificados espaços ambientais*, tais como as escolas, universidades, hospitais, espaços esportivos, lugares de turismo etc. É preciso ir às pessoas onde elas se encontram, sem aguardar que venham às celebrações nas paróquias e comunidades; *precisamos levar em conta as várias etnias presentes entre nós*, com especial atenção aos negros, aos índios (especialmente os que vivem fora de suas aldeias e os que vêm a Goiânia para tratamento de saúde) e aos ciganos (que ocasionalmente passam pelas nossas cidades); *não podemos esquecer as diversas faixas etárias*, com particular atenção aos jovens e à terceira idade, tendo presente também a dignidade das mulheres, sua recolocação sociocultural e sua decisiva atuação em nossas comunidades eclesiais. Quanto *às diversas Igrejas e Religiões*, busquemos, em esforço sincero, a prática ecumênica e o diálogo inter-religioso. Acompanhem e incentivemos *as expressões de piedade popular* que em nossa Igreja Arquidiocesana são tão marcantes nas peregrinações ao Santuário de Trindade, na bandeira do Divino, na devoção a Nossa Senhora (invocada como Aparecida, Perpétuo Socorro, Auxiliadora, Fátima, Abadia etc) e aos Anjos e Santos. Em tais manifestações, é preciso descobrir “os verdadeiros valores espirituais, para enriquecê-los com os elementos da genuína doutrina católica, a fim de que tal religiosidade possa conduzir a um compromisso sincero de conversão e a uma experiência convicta de caridade” (EAm, 16).

Evangélica Opção Preferencial Pelos Pobres

11. *Particular e atenta atenção deve ser dada ao contexto socioeconômico*. Também em nossas cidades acirra-se a

desigualdade social. Ricos ficam cada vez mais ricos, pobres ainda mais pobres. Os contrastes são gritantes e as situações de injustiça clamam aos céus. Há muita gente passando fome. O desemprego e subemprego é crescente. Há condições precárias de trabalho, quando existe oportunidade de trabalhar. Em Goiás, é crescente a migração ao exterior, principalmente aos Estados Unidos, em busca de trabalho. Também, é dramático o tráfico de mulheres para a prostituição na Europa, especialmente na Espanha e Portugal. A realidade neoliberal também globalizou nossa economia local, produzindo o surgimento de novas tecnologias, expandindo fronteiras de mercado e fazendo crescer a riqueza. Isso ocorreu, porém, sob crescente endividamento financeiro e social, produzindo exclusão, redução de empregos, desarticulando a economia agrícola familiar e incidindo até nas grandes cooperativas de leite. A esta complexa realidade ainda se conjuga o problema da concentração de terra (agrária e urbana), produzindo os sem-terra e os sem-teto. Em tal contexto, nosso testemunho de comunhão deve ser profético e a evangelização se faz “à luz da evangélica opção pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa humana, renovando a comunidade, formando o povo de Deus e participando da construção de uma sociedade justa e solidária, a caminho do Reino definitivo” (Objetivo Geral das DIRETRIZES/CNBB). “A opção preferencial pelos pobres, longe de ser um sinal de particularismo ou de sectarismo, manifesta a universalidade da natureza e da missão da Igreja; esta opção não é exclusiva, nem excludente” (INSTRUÇÃO Libertatis Conscientia, 68). Sob tal opção evangelizadora, lembro algumas indicações apresentadas na 2ª Semana Social

Brasileira. Devemos: praticar cada vez a participação, acreditando na capacidade das pessoas e respeitando a diversidade; empreender a construção coletiva, articulando a dimensão pessoal, a comunitária e social; possibilitar a cidadania ativa; desencadear uma inversão de prioridades na nova visão econômica que devemos construir. Lembro, ainda, as indicações apontadas pela CNBB, no documento “Mutirão para a superação da miséria e da fome”. E não nos esqueçamos de tudo aquilo que já se faz na Arquidiocese, desde o Grito dos Excluídos até ao singelo gesto de ajuda imediata a pedintes. Tenhamos, ainda, uma correta articulação na compreensão e ação, entre todas as formas e expressões de exclusão social que atinge os usuários de droga, os alcoólatras, os encarcerados, os meninos de ou na rua, os portadores do vírus HIV, os doentes e todos os que sofrem.

Evangelização na Política e Ecologia

12. *A evangelização de nossa Igreja Particular deve ter incidência política e ecológica.* A corrupção, as injustiças sociais institucionalizadas, o poder como expressão de domínio, tudo isso requer de nós o testemunho da grande caridade política. Continuemos, pois, criando os comitês para acompanhar a aplicação da lei contra a corrupção eleitoral; incentivemos a formação e o acompanhamento do laicato na política partidária; criemos ou implementemos o Movimento Fé e Política. Acabamos de realizar a Campanha da Fraternidade 2004 que teve a água como tema de reflexão. Em 1979, com o tema “Preserve o que é de todos”, a Igreja no Brasil já dava seu grito ecológico de alerta. No campo e

na cidade, o meio ambiente vem sendo degradado. Fontes e mananciais são poluídos. Matas são destruídas. Consumo desordenado de água é feito para as grandes irrigações. Pesticidas destroem toda a cadeia alimentar. Sementes transgênicas são cultivadas sem fiscalização ou adequado estudo sobre suas implicações para a vida. É preciso que nossa evangelização suscite o cuidado para com a terra. Esse “planeta água” é um dos resultados dos 15 bilhões de anos do cosmos. Mas o estamos destruindo em poucas décadas. Este será o maior desafio planetário nesse século. A evangelização da Igreja em Goiânia, pensando e atuando global e localmente, em espírito de serviço ecológico, é chamada ao testemunho da comunhão com a vida, de solidariedade cósmica, de fraternidade universal.

Igreja em Goiânia, Discípula de Jesus

13. São muitos os desafios e interpelações. Atingem a todos os homens e mulheres e, por isso, se verdadeiramente humanos, também devem ressoar na *Igreja em Goiânia, discípula de Jesus*. Por isso, sempre mais, precisamos *aprofundar a mística e a espiritualidade da “Igreja – mistério de comunhão”*. Tenhamos presente em nossas vidas o exemplo de outros cristãos, de ontem e de hoje, que foram mártires pela causa do Reino. Tenhamos em nossa memória a vida dos santos e de todos os santos homens e mulheres de nossas comunidades, já falecidos, que fizeram de suas vidas tempo de doação e solidariedade. Vejamos com nossos olhos e corações, na mesa eucarística, a graça do gesto redentor do Senhor. A fidelidade à história de nossa Igreja Particular requer criativa continuidade. Por isso, é preciso também se abrir ao novo

nas exigências de novos ministérios e de novas estruturas de serviço. Especialmente a partir da 7ª Assembléia Arquidiocesana, estabeleceu-se em nossa Igreja gradual discussão sobre as estruturas e sobre a organização pastoral. No mundo, desde a década de 1960, as estruturas paroquiais vêm sendo analisadas. Em Goiânia, devido às rápidas e crescentes mudanças socioculturais, mas também em razão da eficácia evangelizadora, re-olhamos os limites geoclesiais, a distribuição de agentes, a organização dos serviços, as possibilidades e limites de recursos, os “níveis pastorais” de periferia, centro e zona rural. Após meses de reflexão e discussão, proximamente, estaremos criando os Vicariatos Episcopais, a fim de melhor responder às novas exigências da evangelização. Nada temos feito às pressas, com decisões precipitadas; mas não queremos protelar indefinidamente, com esperas desgastantes e prejudiciais à nossa caminhada.

São estas as minhas considerações, irmãos em Jesus Cristo, presbíteros, diáconos, religiosos(as), leigos(as) responsáveis comigo por esta parte do rebanho do Bom Pastor, cada qual com seus dons e segundo a sua própria vocação. Mantenhamos estreita comunhão e permanente vigilância, em contínuo esforço de conversão. Amemo-nos, conforme o ardente desejo de Jesus. Tende em mim um irmão e também um amigo para todas as horas. Coloquemo-nos sob o olhar maternal da Virgem Auxiliadora, agora, em todas as horas da vida e na hora de nossa morte. Amém!

Dom Washington Cruz
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Goiânia, 11 de abril, Solenidade da Ressurreição do Senhor.